

Universidade, Alienação e Capitalismo

Leidiane Pereira Almeida*

Introdução

Por meio desse artigo, o qual é o resultado de uma pesquisa acadêmica, propomos analisar como se dá a sistematização do ensino universitário no sentido da formação de mão-de-obra especializada para o mercado de trabalho, compreendendo como funciona e deriva a organização da produção de ideologias, nos objetivando a entender como se dá a alienação dos discentes em relação ao sistema pedagógico formador de profissões que os mesmos estão inerentes, com foco na educação oferecida por unidades universitárias.

A pretensão de tal trabalho como dito acima é intencionalmente voltado ao aluno do ensino universitário com ênfase na contemporaneidade, ou seja, como está hoje essa relação universidade – universitário no sentido do que a universidade busca suscitar no discente considerando o meio em que ele vive, com indagações sobre o objetivo que a universidade produz e divulga ideologias para construir a formação universitária do mesmo, favorecendo assim, o sistema capitalista. Nesse sentido temos como problemática saber como a universidade se utiliza muitas vezes de ideologias dominantes para formar trabalhadores com especialidades em várias áreas do ensino, não despertando em grande parte das vezes, criticidade sobre a exploração de sua mão-de-obra.

A motivação que nos levou a pesquisar esse tema foi o interesse de saber como o sistema pedagógico formador de profissões, com destaque nesse trabalho em questão, a “universidade”, trata seus gestores, professores e alunos diante do conhecimento em um modelo de educação burguesa, sendo esses três meros integrantes da sociedade capitalista, e atuam para produzir e divulgar ideologias.

Portanto, compreende-se a partir do exposto que, a especialidade da universidade é a de ter um quadro de funcionários formados, treinados e instruídos em assunto de educação, tendo como objetivo maior, a reprodução do capitalismo, uma vez que a mesma integralizou-se a ele.

Dessa forma, nossa pesquisa inclui-se no campo da história social, e tem a educação universitária como seu objeto de estudo, com o objetivo de compreender um aspecto da mesma. Segundo Nildo Viana (2006) em seu livro *Introdução a sociologia história social* é:

* Graduada em história pela Universidade Estadual de Goiás e especialista em docência do ensino superior.

Uma ciência, portanto, carrega em si os elementos característicos do pensamento científico em geral, e sua particularidade reside em seu objeto de estudo que é a sociedade, e nos procedimentos metodológicos criados para analisá-la (VIANA, 2006, p. 12).

O método que utilizamos para desenvolver nosso artigo no sentido de compreender a reprodução e concretização da ideologia capitalista dentro das universidades foi o método dialético, o qual foi criado por Marx, ou seja, partiremos de um fato concreto que é a formação universitária, cujo papel é a formação de mão-de-obra especializada em diferentes áreas de trabalho.

Partindo dos pressupostos do método dialético, observar que a pesquisa deve partir do real e do concreto para a abstração compreendendo esse processo como a faculdade de transpor o concreto para o pensamento, e o concreto que é o ponto de partida é também o ponto de chegada da pesquisa. De acordo com Viana:

O materialismo histórico-dialético é um recurso heurístico e uma teoria, é um recurso mental para se analisar a realidade e quando aplicado a uma realidade concreta, torna-se uma teoria, ou seja, expressa e explica esta realidade (VIANA, 2007a, p. 12).

Desta forma, o método dialético parte do concreto para o pensamento, ou seja, para uma teoria para explicar o concreto, sendo assim, tudo gira em torno do real, do concreto, de forma que possibilite a explicação da realidade. Assim como trabalhamos na nossa pesquisa, partiremos de um concreto dado para a teoria tentando explicar tal realidade.

A educação na universidade como aprimoramento de mão-de-obra

Trabalhamos a educação universitária nessa pesquisa como sendo um mecanismo para formação de mão-de-obra, o que é especificamente observável nesse trabalho em questão, com destaque e ênfase no funcionamento da própria universidade como uma “esfera”, a qual reproduz o modo de produção capitalista, a começar pela própria hierarquização dentro de seu funcionamento.

Para dar continuação ao nosso artigo, faz-se necessária uma breve discussão sobre o que vem a ser ideologia. Assim sendo, Marx e Engels fazem uma discussão acerca da mesma, enfatizando que;

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o

intercâmbio material dos homens... não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX e ENGELS, 2007, p. 93-94).

Nesse sentido, a ideologia é a produção de modos de pensar que justifiquem e afirmem vários fatores ocorrentes na sociedade sobre a vida de homens que estão submetidos à alienação em vários sentidos, como por exemplo, a formação de mão-de-obra qualificada. Com isso, o foco e a ênfase se restringem na importância da educação para obtenção de qualificação profissional. Nesse sentido, observa-se que não há interesse por parte dos capitalistas em conscientizar trabalhadores da exploração da sua mão-de-obra. Na verdade simplesmente almejam qualificar e produzir cada vez mais trabalhadores especializados visando integrá-los em vários setores do mercado de trabalho. Isso quer dizer que, tanto as ciências humanas quanto exatas, o interesse é que se reproduzam as ideologias, independente de que área esse trabalhador foi ou será especializado.

Segundo Viana (2007b) quem sistematiza a falsa consciência formando a ideologia, são os ideólogos. Eles são pensadores e idealizadores que criam e enfatizam a ideologia para que a sociedade siga pensamentos que beneficiam o capitalismo, uma vez que, sistematizam a falsa consciência, derivada das representações ilusórias da vida cotidiana. Segundo ele,

A ideologia, então, seria uma falsa representação da realidade, uma falsa consciência. A consciência só pode ser o ser consciente e isso quer dizer que ela não pode ser autônoma, mas tão-somente a manifestação de um ser, que é o ser humano envolvido em determinadas relações sociais e possuindo um determinado modo de vida (VIANA, 2007b, p. 28).

Na realidade está nítida a produção e reprodução da ideologia capitalista dentro das universidades, resultando na maioria das vezes em alienação por parte dos discentes em relação à especialização da mão-de-obra. Observa-se assim, que na unidade universitária é natural vermos a produção e reprodução de ideias que favorecem a manutenção do capitalismo, como por exemplo, a idealização de que uma licenciatura ou bacharelado irá abrir as portas para um bom emprego. Nesse sentido, não se pensa no crescimento intelectual crítico da sociedade, e sim no que poderá favorecer o lucro para si ou para seu empregador sem se dar conta de que está sendo preparado para ser integrado em relações de dominação e exploração.

A partir de ideologias implantadas no meio universitário, vemos que a universidade serve ao capitalismo como uma forma de criar mecanismos para que a sociedade vigente

seja vista e encarada como algo natural, a começar pela competitividade no interior da própria universidade, preocupando em criar e especializar para cada setor que explora a mão-de-obra do trabalhador. O objetivo do ensino universitário é formar bons cidadãos, que aceitem a realidade vivida no capitalismo e que apresente-se cidadãos com boa qualificação profissional para suprir cargos que o mercado necessita. Nesse sentido, a educação no meio universitário favorece a classe burguesa, uma vez que propicia à mesma, trabalhadores que carregam em si crenças e modos operantes que a satisfaçam.

Assim, quando são necessários guerreiros ou burocratas, a educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar guerreiros ou burocratas. Ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades (BRANDÃO, 2004, p. 11).

Assim, tanto discentes quanto docentes ficam inertes de tal modo a esse processo educacional universitário que, grande parte dos mesmos muitas vezes não se dá conta de que produzem e reproduzem ideologias voltadas para atender aos capitalistas. Tais ideologias são designadas como verdades da realidade social voltadas para o controle das classes exploradas e oprimidas.

Nesse sentido, a ideologia seria uma maneira de controle da classe operária, os fazendo comportar de acordo com as verdades absolutas que são criadas nas universidades como sendo verdades únicas a serem seguidas. Podemos citar como exemplo a mentalidade de que só tem bom desempenho na vida profissional aquele que obtém curso superior, ou seja, é como se universidade funcionasse como salvadora da sociedade em que vivemos.

A questão, no entanto, é que na maioria das vezes a universidade está preocupada só em preparar o indivíduo para o mercado de trabalho. Não se preocupa em suscitar no mesmo criticidade sobre como está organizado o modo de produção capitalista. Sendo assim, percebe-se que grande parte das universidades está a serviço do capitalismo, sendo algo evidente na própria forma de organização e da estrutura burocrática da universidade que reproduz os valores capitalistas, tendo como exemplo a própria organização universitária, no sentido de sistema de notas, de bolsas, processos seletivos e tantos outros que beneficiarão aqueles que tiverem melhor desempenho, ou seja, aqueles que possuem um capital cultural acumulado, com condições financeiras melhores, mais elevada, que têm um contato bem

maior com teatro, música clássica entre outros privilégios, que fazem com que tenham um investimento maior no campo educacional do que aquele da classe menos favorecida financeiramente, propiciando maiores chances àquele que já tem um conhecimento educacional maior. Segundo Bourdieu em *A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*;

Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola, e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores aqueles de um jovem de classe média (BOURDIEU, 2007, p. 41).

Ao ver os números que apontam que há uma imensa desigualdade entre as classes sociais em termos educacionais, se tem uma ideia de quão diferente é o investimento dependendo da classe social que esse ou aquele cidadão está inserido, inclusive as instituições educacionais, principalmente a universidade, a qual reproduz as desigualdades sociais existentes - lembrando que desde criança a pessoa já começa sua vida na educação com certa herança cultural, a qual é passada por seus próprios pais, ou seja, aqueles que têm condições financeiras mais elevadas, melhores, tendem a ter mais contato com teatro, música clássica entre outros, o que pra Bourdieu seria o capital cultural.

O saber transformou-se em uma mercadoria, no sentido da reprodução da ideologia capitalista, o qual busca fortalecer o capital. A universidade é uma das interfaces ligadas à sociedade capitalista. Deste modo, a mesma não se desliga do processo de produção capitalista, onde se produz e vende-se em grande competitividade.

Como o ser humano foi acostumado a pensar que é dono dele mesmo e do que adquiriu, o mesmo se vê e se reconhece no que compra e vende. Uma vez que ele é levado a integrar as relações de produção, é constrangido a vender a sua força de trabalho que semelhante ao que pensa se torna também uma mercadoria, no sentido que reproduz o que a ele é passado como algo a se seguir, pensar, comportar etc. Como afirma Oliveira e Almeida (2011, p. 252) quando ressaltam que “o indivíduo limitado e passivo torna-se, ao mesmo tempo, consumidor e mercadoria”, ou seja, de acordo com Bianchetti (1997),

(...) ocorre a “mercantilização do indivíduo” – o que se define como “produto da ampliação da utilização das categorias econômicas na análise social, coloca o homem como uma mercadoria que possui os atributos e possibilidades de quaisquer dos bens produzidos na sociedade! (BIANCHETTI, 1997, p. 111).

A universidade capacita e treina aqueles que trabalham, ou seja, ela especializa as pessoas nessa ou naquela área de trabalho, produzindo desta forma mão-de-obra qualificada, a qual produzirá capital. Assim sendo, a universidade configurada com a educação que oferece, é uma “engrenagem” do capital, um dos meios que o mesmo se utiliza para sua efetivação.

Percebe-se que quanto mais informação e conhecimento o indivíduo tiver, mais apta e permanente será sua jornada no mercado de trabalho. Quanto mais preparado estiver educacionalmente, ou seja, quanto mais qualificada sua mão-de-obra em termo de preparação universitária, “formação superior”, mais cotada será para a permanência no mercado de trabalho. Nesse sentido, a universidade reproduz certa educação no sentido da formação de mão-de-obra qualificada, e é tida como algo indispensável para se manter certo status no mercado de trabalho, onde a classe operária produz o capital.

Considerando os ciclos de produção e mudanças do sistema capitalista no decorrer da história, é notório que o processo educativo também acompanha esta ciclicidade, exigindo um investimento na formação profissional para cada necessidade apontada pela empresa, o que permite instituir a educação como elemento essencial para uma posição no mercado de trabalho (OLIVEIRA e ALMEIDA, 2011, p. 263).

A educação universitária integra o sistema capitalista no âmbito de formar indivíduos passivos, ou seja, cidadãos que não se manifestem contra o sistema capitalista o qual estão inseridos, e que ajam como se a competitividade no mercado de trabalho fosse algo natural, onde aquele que sobressai aos demais é o que se destacou. Dessa forma, a culpa não está no sistema, e sim no indivíduo, é o que a universidade nos leva a pensar. Observa-se, assim, que as universidades estão preocupadas em formar cidadãos que foquem sua atenção na sua relação com a competitividade no mercado de trabalho, daí a necessidade da qualificação e melhoria que os mesmos procuram no ensino universitário, sem questionar os caminhos que a sociedade capitalista o conduz.

Da forma descrita acima, fica claro que na maioria das vezes a educação em âmbito universitário trabalha a serviço do sistema capitalista, dando a entender de que se utiliza de métodos como se fosse uma cartilha, a qual não permite, ou pelo menos, não tem intencionalidade de formar cidadãos que critiquem o modo de produção o qual estão inseridos. Mas pelo contrário, querem formar cidadãos que trabalhem colaborando com o sistema capitalista, criando assim mão-de-obra específica para cada área do conhecimento e

inserindo nos acadêmicos, ideias pertinentes ao modo de produção capitalista, para que os mesmos não o questionem.

Portanto a educação é entendida como uma condição regulada e subordinada às necessidades do capital. Como prática social, atividade humana e histórica, ele se reduz a processos educativos que visam a doutrinar, domesticar, “treinar” homens “aptos” para o desenvolvimento de suas tarefas laborais (OLIVEIRA e ALMEIDA. 2011 p. 266).

Na realidade, a educação, em específico a universidade, tem como objetivo construir, formar e criar sujeitos que pensem e agem a partir das informações que ela dispõe e defende, como por exemplo, seguir o que o capitalismo impõe à sociedade, uma vez que a mesma está a serviço do capitalismo. Assim sendo, ela produz mão-de-obra qualificada e na maioria das vezes tenta implantar nos cidadãos modos de pensar que previnam uma possível ruptura ou rebelião daqueles que são subordinados a esse sistema, tendo como finalidade reforçar as estruturas sociais implantadas no nosso meio, ou seja, afirma os interesses das classes dominantes.

Apesar deste caráter da universidade, percebemos a grande importância e diferenciação quando há no seu interior professores que suscitem em seus alunos criticidade, no sentido de indagar e agir de forma contrária ao modo de pensar tão difundido e instaurado no meio universitário, o qual se preocupa somente em servir ao sistema capitalista. Mesmo sendo tão forte a ideologia que a universidade difunde e fundamenta, existem professores que provocam em seus alunos criticidade sobre o mundo à volta dos mesmos, os fazendo pensar como funciona e a quem serve a universidade.

Sabemos que não há formas homogêneas de pensar, porém a forma de pensamento que critica o sistema universitário, o qual abastece o mercado de trabalho com mão-de-obra qualificada e ideologias que favorecem a tal sistema, é pouco defendida e seguida, pois não existe interesse dos que dominam de formar consciência e criticidade nos dominados. Assim sendo, a universidade como uma das esferas mantenedoras do sistema capitalista, tem como objetivo maior, a conservação da ideologia do mesmo.

Os cidadãos são reflexos do meio em que vivem, assim sendo, os mesmos produzem conhecimentos e formas de agir conforme aquilo que a eles foi apresentado. Desta forma, o conhecimento é aquilo que se pratica no meio social, dessa maneira é perceptível a importância que a educação tem no sentido da formação da criticidade do ser humano, pois possibilita formar profissionais que se comprometam com a transformação social, crítica e

reflexiva do meio em que vivem. Porém, sabe-se que a educação voltada à criticidade da sociedade em que vivemos é pouco trabalhada, uma vez que está bastante concentrada em servir ao modo de produção capitalista, e este não quer que suas ideias sejam desfeitas. Para ele é de total importância a homogeneidade de pensamentos que servem para afirmá-lo.

Da educação espera-se a contribuição de preparação da mão-de-obra, com habilidades homogêneas, como é o caso de saber lidar com as tecnologias da informação, línguas etc. a questão em jogo é a homogeneidade, quando menos diferencialismo melhor (OLIVEIRA e ALMEIDA, 2011, p. 324).

A educação fortalece a ideologia no sentido de legitimar os valores da sociedade vigente. Ela afirma que o que há de existente e importante para classe dominante é algo que se deve seguir. “A pessoa “educada” é a que pensa conforme os padrões da sociedade, que foi moldada de acordo com ela, que recebeu e aceitou seus valores” (ROSSI, 1980, p. 23).

Nota-se grande empenho na formação e qualificação dos indivíduos para um melhor aprimoramento na mão-de-obra. Neste sentido, a universidade na maioria das vezes se mostra reprodutora das relações sociais capitalistas, integrando o modo de produção capitalista na medida em que ela forma a mão de obra que será absolvida nas linhas de produção.

No próprio interior da universidade há vários elementos que apontam e deixam perceptível, um funcionamento impregnado do sistema capitalista. Podemos perceber através do sistema que a mesma utiliza como a hierarquização de cargos, dominação e controle dos alunos através de diários, notas, avaliações e etc. Desta maneira, fica bem claro e menos complexo pensarmos a universidade como formadora e afirmadora de conceitos que enfatizam o capitalismo como algo natural que sempre existiu e que sempre vai existir.

Analisando a forma como nos é posta o sentido da educação, percebemos que na sociedade em que vivemos é disseminada a ideologia de que o indivíduo que obteve êxito nesse ou naquele meio em que trabalha, ou melhor, meio em que sua mão de obra é explorada, chegou a tal posição profissional por mérito próprio, ou seja, ele está onde está porque estudou, é conquista individual pelo esforço que o mesmo teve nos estudos que executou, ou seja, disputa de melhores notas entre alunos, de títulos entre professores, com intuito de demonstrar que está mais bem preparado para essa ou aquela disciplina.

Vê-se que a função ideológica do capitalismo se encaixa formidavelmente no sentido da educação salvadora, aquela que forma cidadãos para o mercado de trabalho, os

fazendo ter outra forma de percepção do verdadeiro sentido da sua formação, que é a formação de mão-de-obra qualificada.

Na verdade percebe-se cada vez mais na cotidianidade a força da ideologia na educação, preparando indivíduos para que aceitem a exploração de sua própria mão-de-obra sem questionar o sistema o qual estão inseridos. Nesse sentido Rossi (1980) enfatiza que tanto no campo concreto das relações de produção, quanto na área ideológica, a educação pode ser um importante instrumento das classes dominantes, em sua luta permanente pela manutenção sobre as demais classes.

Conclusão

Quando propomos o objetivo de entender como a questão da alienação educacional funciona, formando cada vez mais mão-de-obra específica para vários setores empregatícios na sociedade em que vivemos, dando a falsa impressão de satisfação profissional, que foi criada pela alienação universitária, percebemos nitidamente quão grande é o papel da universidade para favorecer o lucro. Lucro que é propiciado para o sistema capitalista, fazendo com que o mesmo funcione e se mantenha mais e mais fortificado, uma vez que é introduzido em grande parte daqueles que estão de uma forma ou outra, inerentes nesse sistema; o qual busca mais e mais se estruturar através de suas ideologias fantasiosas de um inexistente bem estar por parte dos que dispõem de mão-de-obra qualificada.

É importante salientar que tudo que foi descrito acima, se deu com a ajuda ideológica fortemente implantada na sociedade pela universidade, a qual introduz em muitas mentes o pensamento de que a educação serve para certo bem estar e êxito profissional, distorcendo a realidade na qual vivemos.

Por fim, a universidade é parte integrante do modo de produção capitalista, que dissemina, fortifica e mantém a mão-de-obra para esse sistema, sendo uma formadora de força de trabalho para cada área específica, se tornando cada vez mais influente sobre aqueles que a ela buscam um dado conhecimento, uma vez que a mesma tem poder de distorcer a realidade daquele que a ela procura para obtenção de um certo saber, o qual muitas vezes não lhe é passado com um potencial de criticidade.

A universidade reproduz somente aquilo que o sistema capitalista tem interesse em manter, que é a fortificação de seu sistema, o que é introduzido pela mesma na maioria das vezes. No entanto, há exceções. Existem professores que introduzem em seus alunos

criticidade ao pensar, como indagar o funcionamento da sociedade contemporânea. Porém, o pensamento e atitude que ainda reinam na sociedade vigente são o da fortificação do sistema capitalista, porque esse é o que interessa aos capitalistas, os quais detêm o poder e não tem interesse de perder o mesmo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. FERNANDES, Sônia Regina Souza. BIANCHETTI, R.G. *Modelo neoliberal e políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1997.

BRANDÃO, Carlos R. *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATONI, Afrânio. *Escritos de educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

OLIVEIRA, Silvia Andréia Zanelato de Pieri. ALMEIDA, Maria de Lourdes pinto de. Educação para o mercado de trabalho: Impasses e contradições. In: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. FERNANDES, Sônia Regina Souza. (Orgs.). *Políticas, Educação e Processos pedagógicos contemporâneos no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2011.

ROSSI, Wagner Gonçalves. *Capitalismo e Educação*. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

VIANA, Nildo. *A consciência da História: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. Editora achiamé, Rio de Janeiro. 2ª edição revista, 2007a.

_____. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007b.

_____. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.